

**“... e suas oficinas se espalham por todos os recantos da Terra”:  
Considerações sobre a Maçonaria no âmbito das Relações Internacionais**

("... and its lodges spread out in every corner of the earth":  
Considerations about Freemasonry in International Relations)

Edgard da Costa Freitas Neto <sup>1</sup>

**Resumo**

O presente artigo busca apresentar de maneira geral alguns aspectos sobre as condições de estudo das possibilidades de atuação da Maçonaria no cenário das Relações Internacionais. A partir de uma revisão sintética das suas correntes mais relevantes, passando por uma discussão a respeito da natureza transnacional da Maçonaria, tanto entre seus diversos componentes como em relação às sociedades e estados em que estão inseridos e, por fim, uma discussão de alguns casos paradigmáticos de atuação maçônica internacional e das possibilidades que eles projetam.

**Palavras-chaves:** Maçonaria; Relações Internacionais; OnGs.

**Abstract**

This paper aims to present general aspects on the possibilities of academic research on Freemasonry within the fields of International Relations (IR). Starting from a review of the main currents in IR, through a discussion on the transnational nature of Freemasonry – between the various masonic bodies and between them and their states and civil societies – and finally a discussion on some paradigmatic examples of masonic international activities and the possibilities they foresee.

**Keywords:** Freemasonry; International Relations; NGOs.

<sup>1</sup> Edgard da Costa Freitas Neto é Mestrando em Relações Internacionais na UFBA — Universidade Federal da Bahia. Professor de Direito Civil e Processo Civil na Faculdade da Cidade do Salvador. Advogado. Juiz do Tribunal de Disciplina, Ética e Eleitoral da Grande Loja Maçônica do Estado da Bahia. E-mail: [edgardcfn@gmail.com](mailto:edgardcfn@gmail.com)

## 1. Introdução

Em uma noite de junho do ano de 1717, representantes de quatro Lojas de maçons ingleses se reuniram numa taverna chamada "O Ganso e a Grelha" com a intenção de formar um corpo com jurisdição sobre elas, que ficou sendo conhecida como Grande Loja Maçônica de Londres e Westminster, antepassada direta da atual Grande Loja Unida da Inglaterra e considerada genericamente a "Grande Loja Mãe" do mundo maçônico.

Ao longo de trezentos anos a Maçonaria se espalhou pelo mundo e sofreu transformações. Aquele movimento original de quatro Lojas deu origem a um movimento multifacetário e eminentemente cosmopolita que reúne milhões de homens e mulheres em todos os continentes em torno de um mito fundador comum.

Para os fins deste trabalho, portanto, iremos considerar igualmente parte da Maçonaria, ou movimento maçônico, tanto os grupos ligados ao que chamaremos de tradição conservadora (ou anglo-saxã) de Maçonaria como o que chamaremos de tradição liberal (ou continental). A primeira pode ser definida, grosso modo, como teísta, masculina e apolítica e a segunda (também de modo grosseiro) como agnóstica, inclusiva em questões de gênero e ativista em questões políticas.

Esta indistinção se justifica. Não existe um poder hegemônico sobre o movimento maçônico. Ninguém é proprietário dos símbolos, dos rituais e do ideário. A discussão sobre reconhecimento e regularidade possui um valor, mas este valor é limitado para uma análise externa do movimento. A Maçonaria se revela, no mundo real, como uma intrincada rede organizada em torno de polos de influência. A "regularidade" se revela, assim, uma questão de ponto de vista, absolutamente supérflua quando se observa que o irregular não se reconhece como tal, muito ao contrário.

A Maçonaria ganhou fama de participante ativa (e oculta), ou mesmo instigadora, de grandes acontecimentos mundiais. Esta fama, entretanto, se encontra alicerçada em muitas lendas e teorias da conspiração escritas tanto por apologistas incontinentes como por detratores que beiram a fobia, que, como extremos de uma ferradura, parecem distantes, mas em verdade estão muito próximos. Por esta razão, talvez por muitos anos, a Academia não se interessou pelo estudo deste fenômeno.

É possível, entretanto, observar um retorno do interesse acadêmico pela Maçonaria. Podemos destacar, por exemplo, os estudos da professora Jessica

Harland-Jacobs (2013) sobre o papel da Maçonaria no projeto imperial e colonial britânico; da professora Margaret Jacob (1991) sobre os impactos recíprocos do iluminismo, Maçonaria e política na Europa do século XVIII; o do professor Steven Bullock (1998) sobre o papel da Maçonaria na transformação da sociedade americana entre 1730 e 1840; os de Ric Berman (2013 e 2017) abordando diversos aspectos da Maçonaria na sociedade britânica e americana nos séculos XVIII e XIX; a interessante tese do prof. Patrick Mendis (2009) sobre o papel da Maçonaria na formação do que ele entende ser o ethos americano; e o do prof. David Hackett (2014) sobre a relação da Maçonaria com as principais correntes religiosas nos Estados Unidos, além, claro, da REHMLAC – *Revista de Estudos Históricos de La Masonería Latinoamericana y Caribeña*, vinculada à Universidade de Costa Rica.

O movimento acadêmico no Brasil, entretanto, ainda é tímido, destacando-se a obra pioneira (pelo rigor científico) de David Gueiros (1979) sobre o papel da Maçonaria durante a Questão Religiosa no 2º Reinado, além das de Marco Morel e Jean Françoise de Oliveira (2008), Alexandre Mansur Baratta (1999) e Kenyo Ismail (2016 e 2017) e da Revista *Ciência & Maçonaria*, editada pela Universidade de Brasília (UnB) em parceria com organizações maçônicas. Mas, fora estas exceções, o interesse acadêmico permanece baixo e a pesquisa sobre fontes primárias, quase inexistente.

Um ponto especificamente negligenciado, e cujas possibilidades de estudo pretendemos aqui demonstrar, é o de um papel da Maçonaria no âmbito das Relações Internacionais. A Maçonaria, afinal, é um movimento não governamental cosmopolita de pretensões ecumênicas, não sectária e apartidária, que se espalha por dezenas de países das mais variadas configurações econômicas, religiosas, étnicas, políticas e culturais e que possui, ao redor do mundo, milhões de membros.

Entretanto, apesar de ter alguns elementos básicos (os quais serão abordados na questão da regularidade e reconhecimento entre os maçons), o movimento maçônico não é ideologicamente monolítico. Decerto que os maçons, como parte da sociedade civil, interferem em suas sociedades, em maior ou menor grau. E, sendo o movimento essencialmente cosmopolita, é possível questionar em que medida é capaz de interferir na sociedade internacional.

Para tanto, mas sem pretensão de esgotar a matéria, vamos passar em revisão as principais correntes de pensamento no âmbito das Relações Internacionais; iremos também nos embrenhar nas questões conceituais da Maçonaria, com especial ênfase na espinhosa questão de regularidade e reconheci-

mento, para em seguida analisar alguns casos paradigmáticos de atuação internacional para ao fim propor, à guisa de uma conclusão, algumas possibilidades de atuação.

## 2. Quem são os atores na cena internacional?

A emergência das Relações Internacionais como uma área de pesquisa específica se dá com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o surgimento da Liga das Nações (CARR, 2001). Havia então uma crença utópica na possibilidade de se alcançar uma paz duradoura que justificasse a crença de que o moedor de carne das trincheiras na Frente Ocidental fosse "a guerra para acabar com todas as guerras", expectativa frustrada pelo colapso da Liga e o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O campo das Relações Internacionais é dominado por três grandes teorias, mas não se limita a elas, já que outras teorias (ou perspectivas) têm surgido nas últimas décadas para contestar a primazia das correntes majoritárias. Não é, todavia, nossa pretensão penetrar nos debates epistemológicos das Relações Internacionais nos limites mais modestos deste artigo.

A primeira e mais popular corrente de Relações Internacionais é a chamada de Realismo. O Realismo parte de uma visão essencialmente pessimista da natureza humana e toma como premissa que as relações entre as nações são basicamente conflituosas. O ator básico das relações internacionais, dentro das diversas escolas realistas, é o Estado.

A segunda corrente é a do Liberalismo ou pluralismo. O Liberalismo parte de concepções opostas às do Realismo, adotando uma visão otimista da natureza humana, tomando como premissa a possibilidade de cooperação entre as nações. Ao contrário dos realistas os liberais, nas suas diversas correntes, admitem que agentes subestatais, transestatais e não estatais sejam também considerados atores de relevo na seara internacional

A terceira corrente, minoritária em relação às duas primeiras, é a marxista/radical, que considera que as relações internacionais sejam basicamente um desdobramento das relações de luta e poder entre as classes. Nesta concepção, os atores internacionais agem em realidade como longa manus dos interesses de classes subjacentes à superestrutura econômica capitalista.

Os avanços no debate acadêmico nos anos 70 e 80 levaram a reformulações tanto nas concepções realistas quanto nas pluralistas, levando ao chamado Neorealismo, representado, dentre outros, por Ken-

neth Waltz e ao Neoliberalismo a ele contraposto, sustentados por autores como Robert Keohane e Joseph Nye, polarizando o campo no chamado "debate neo-neo" que se dá, entretanto, dentro do paradigma positivista.

Outras correntes, minoritárias, como as teorias pós-modernas, pós-coloniais e feministas contestam diretamente o paradigma (ontológico, metodológico e epistemológico) *mainstream*, mas o debate interparadigmático ainda é, em boa medida, um diálogo de surdos.

O construtivismo, entretanto, emerge como uma abordagem capaz de suprir lacunas tanto no paradigma positivista como no crítico, ao buscar compreender como os fatos construídos socialmente, contrapostos aos fatos naturais, interferem no relacionamento entre os agentes na arena internacional (WENDT 2014).

## 3. O enigma maçônico

O que é, exatamente, a Franco-Maçonaria? Sabe-se que é uma organização não governamental (ONG), fraternal, sem fins lucrativos, semisecreta (discreta), cujo acesso se dá por meio de uma cerimônia de iniciação, processo que fornece ao iniciando as chaves interpretativas dos símbolos, ritos e mitos. É parte da "sociedade civil", ou seja, aquilo que num sentido hegeliano não é parte nem da família nem do aparato estatal (HEGEL 1997).

Apesar de ter uma grande variedade de ritos e rituais, consideraremos aqui como "Maçonaria" aquela organização que possui no mínimo três graus básicos (aprendiz – companheiro – mestre), tem como mito fundador a construção do Templo do Rei Salomão e cuja linguagem simbólica é construída sobre uma leitura moral dos instrumentos de trabalho dos operários da construção civil.

A unidade básica da Maçonaria é o agrupamento local de maçons, normalmente chamado "Loja", composta por no mínimo sete maçons e governada por um deles, livremente escolhido, sob o título de Mestre. Acima das Lojas, e por elas constituídas como poder organizador e ordenador, erguem-se as ditas "Potências" ou "Obediências", chamadas tradicionalmente de Grandes Lojas ou Grandes Orientes (a depender da tradição a que se vinculem), invariavelmente governadas por um Grão-Mestre, cargo não vitalício, eletivo e com maior ou menor autoridade em face de uma Assembleia Geral.

Como dito anteriormente, entretanto, não limitaremos a análise do fenômeno apenas à tradição ortodoxa, conservadora, de tradição inglesa do fenô-

meno maçônico, mas sim que incluiremos a versão heterodoxa, dita liberal ou adogmática, de tradição francesa, que aceita a iniciação de mulheres e ateus.

Apesar de ser um fenômeno originalmente britânico, a Maçonaria se subdividiu em centenas de potências ao longo dos últimos trezentos anos. Dezenas de cismas locais, nacionais e internacionais fizeram surgir e desaparecer inúmeras potências.

Assim, diferentemente das religiões organizadas, que possuem (em regra) centros de autoridade (como, por exemplo, o Papa, Sínodos, Concílios, Assembleias), e das ONGs tradicionais (que mesmo atuando de modo transnacional possuem ao menos uma matriz) que lhes pode impor unidade doutrinária e comandos de ação de forma centrípeta, não existe algo como uma "autoridade central" maçônica em nível internacional.

Tradicionalmente as potências maçônicas exercem jurisdição de forma soberana sobre um determinado território, o qual muito raramente ultrapassa as fronteiras nacionais. De modo esporádico, entretanto, potências maçônicas se aventuram além das fronteiras, normalmente para estabelecer Lojas em locais que não tenham nenhuma atividade maçônica (como é o caso de muitos países na África e no Leste Europeu) ou nos quais não haja reciprocidade de reconhecimento com a potência preestabelecida (como no caso da *Droit Humain*, já citada, que por ser mista é considerada "irregular" pelas Lojas de tradição conservadora).

A expansão da Maçonaria acompanhou o ritmo da expansão colonial britânica. Poucos anos depois da fundação da Grande Loja de Londres e Westminster, maçons ingleses – comerciantes, militares e burocratas do império, principalmente – fundaram Lojas na França, Espanha, Portugal, Holanda, Itália, Alemanha, nas colônias na América, África e Ásia. A eles seguiram, no mesmo ritmo, maçons irlandeses e escoceses (HARLAND-JACOBS, 2013).

Rapidamente, a Maçonaria nestes locais ganhou vida própria. Na maior parte deles, aliás, pois em alguns – principalmente Portugal, Espanha e Itália – a interdição imposta pela bula papal *In Eminentis* (1738) trouxe vários períodos alternados de restrição ou perseguição ativa (BENIMELLI, 2007). Naqueles em que puderam florescer, entretanto, as Lojas locais se expandiam independentemente de licença ou autorização central inglesa, incorporando e reproduzindo aspectos culturais e ideológicos locais.

Sendo ao mesmo tempo receptáculo e difusor do ideário iluminista, a Maçonaria se viu no centro da formação da modernidade, oferecendo, nas mais diversas sociedades em que está presente, um espaço

de sociabilidade e liberdade que não se encontrava no ambiente externo, dito "profano".

Essa expansão e diversidade trouxe conflitos internos, como a cisão e rivalidade entre a Grande Loja original e a concorrente Grande Loja Antiga – rivalidade que durou de 1751 a 1813 – e externos, como o rompimento de laços entre a Grande Loja inglesa e o Grande Oriente Francês, em 1877, em face de o último ter retirado as menções ao "Grande Arquiteto do Universo" dos seus rituais e passado a admitir a entrada de ateus.

Parte destes conflitos e dissensões pode ser explicado – por paradoxal que seja – pela natureza fraternal da Maçonaria. Os símbolos e rituais maçônicos operam como uma verdadeira língua franca, permitindo a interação entre pessoas das mais diversas origens, tornando seus detentores credores e devedores de uma obrigação que vai além "dos laços comuns de humanidade (...) levando a bons ofícios ainda mais atenciosos", unindo "homens das mais opostas tendências, dos mais distantes países e das mais contraditórias opiniões em um laço indissolúvel de afeto, para que um maçom encontre um amigo em cada nação e uma casa em cada latitude" (WEBB, 2017 p. 12-13).

Este direito/dever de solidariedade extraordinária constitui em verdade um privilégio que, por sua vez, levanta o problema de quem é ou não merecedor dele, pois, novamente nas palavras de Webb, "Sejam os privilégios da Maçonaria indiscriminadamente distribuídos, os desígnios da instituição seriam logo subvertidos; tornando-se banal, como outras tantas questões importantes, logo perderia o seu valor, a fundando em descrédito" (opcit, p. 16).

Com as frequentes publicações de inconfidências e a expansão descontrolada e geométrica de Lojas Maçônicas desde o século XVIII é de se imaginar que o sistema tradicional de reconhecimento por meio de palavras, apertos de mão e sinais secretos se tornou inútil, levando as obediências maçônicas a emitirem certificados e passaportes.

Já aí era a Maçonaria um fenômeno legitimamente transnacional. Não apenas um clube de ajuda mútua, mas um espaço em que homens (e mulheres, quando fosse o caso) de países, religiões e classes sociais diferentes poderiam discutir temas como iguais (ou, ao menos, com mais liberdade do que a que encontravam no mundo exterior), servindo, pois, como canal difusor de ideias e pessoas, já que um maçom podia invocar o seu status em qualquer Loja do mundo (conquanto que a mesma o reconhecesse como tal)..

Um exemplo da Maçonaria inglesa pode ser

bem ilustrativo. Com sua estrutura em rede, a Maçonaria, nas palavras de HARLAND-JACOBS (2007),

claramente facilitou os movimento de irmãos oprimidos e seus dependentes quando as circunstâncias os forçavam de uma parte do Império para outra. (...) O esforço envolvia todos os níveis da rede maçônica, de membros individuais a Grandes Lojas, analisando caso a caso.

Mais que isso, a Maçonaria oferecia às elites nativas ascendentes, a oportunidade de expor em privado opiniões que eram consideradas tabus ou mesmo projetos reformistas e revolucionários (MILLAR, 2015). Já do ponto de vista imperial, a iniciação de elites nativas era vista como uma forma de integração que seria, em última análise, benéfica ao Império (HARLAND-JACOBS 2007).

A atuação da Maçonaria se revela, assim, na criação de redes descentralizadas de relacionamentos sociais, de alcance global, permitindo intercâmbios culturais cimentados pelos discursos do amor fraterno, do auxílio mútuo e da liberdade.

#### 4. As Maçonarias e as questões de reconhecimento e regularidade

"Regularidade" e "Reconhecimento" são expressões utilizadas no jargão maçônico como sinônimos mas, apesar de relacionadas, envolvem questões distintas (COOPER, 2015). Tanto regularidade quanto reconhecimento dizem respeito a questões relacionais, são práticas discursivas possuindo valor zero em si mesmas.

Uma obediência maçônica é "regular" quando segue um padrão ideológico ou litúrgico aceito como "regular" pelo outro. E ela é "reconhecida" quando, em virtude da regularidade (mas não apenas através dela), o "outro" estabelece relações mútuas, estendendo, assim, os privilégios que vimos acima a membros de uma e outra Obediência.

Um caso emblemático é o que opõe, desde 1877, a Grande Loja Unida da Inglaterra e o Grande Oriente de França (GOF). Tradicionalmente, a Maçonaria inglesa proíbe que se façam nas Lojas discussões político-partidárias e religioso-sectárias. Mais, as regras não escritas imemoriais – os chamados Landmarks – proíbem expressamente a admissão de ateus e mulheres, e ao mesmo tempo exigem que a Loja possua um "Volume da Lei Sagrada", ou seja, o livro sagrado (um, no mínimo) da fé compartilhada pelos membros da Loja. A sua posição privilegiada na soci-

idade inglesa – que reunia clérigos e leigos, nobres e plebeus, whigs e tories (depois conservadores e trabalhistas) – tornava-a partidária do *status quo*.

Já na França a situação não era tão simples. Apesar de sua Maçonaria pré-revolução possuir características similares à inglesa (inclusive com a participação de membros do clero católico a despeito da proibição formal), o período do Terror (1793-94) basicamente acabou por fechar todas as Lojas que não fossem essencialmente revolucionárias e jacobinas. O período napoleônico marcou uma nova fase, em que as Lojas foram instrumentalizadas pelo Corso como se fossem a quinta coluna do Império (cf. BENIMELLI, 2001 p. 69) As hostilidades católicas ao fenômeno maçônico, agravadas pelo trauma da Revolução (e pela tese do Abade Agustín Barruel de que a Maçonaria causou a Revolução) foram contrapostas por um crescente anticlericalismo no seio maçônico francês, situação que na prática serviu para alienar ainda conservadores e católicos das Lojas, agora cada vez mais radicais tanto em termos políticos (incisivamente republicana) quanto no discurso anticlerical.

Em 1877 o Grande Oriente Francês aboliu a exigência do Livro Sagrado como elemento indispensável da composição (furniture) da Loja e permitiu a iniciação de ateus. Ato contínuo, a Grande Loja Unida Inglesa declarou-o "irregular" e retirou o reconhecimento. Este fato marca o início da divisão da Maçonaria mundial em dois grandes blocos ideológicos.

O "Discurso R-R" – Regularidade e Reconhecimento – possui uma função administrativa bastante específica: permite distinguir quem é "o outro", aquele a quem não se reconhece a plenitude de direitos maçônicos. Esta discussão – que aparentemente diz mais respeito a questões metodológicas do que ontológicas – possui um sentido bastante limitado, essencialmente *interna corporis* de cada Obediência maçônica e autorreferente quanto às suas relações exteriores.

A importância desta divisão ideológica varia ao longo do tempo, sendo agravada ou relativizada de acordo com o momento histórico, mas gerou, para os franceses, uma necessidade de buscar ativamente o reconhecimento em outras Obediências no exterior, ao passo que os ingleses mergulharam na versão maçônica do "isolamento esplêndido" que marcou a diplomacia inglesa do fim do século XIX.

O olhar "profano", isto é, aquele que não é maçom, tende a encarar tais discussões como bizantinas. E, de fato, no discurso antimaçônico esta distinção é irrelevante: quando nazistas, fascistas e comunistas fecharam Lojas e prenderam maçons por toda a Europa, nunca fizeram pavilhões separados, nos

campos de concentração ou no Gulag, para maçons "regulares" e "irregulares".

Mas, se considerarmos que o Discurso R-R segue tendo força e valor cogente nas relações maçônicas, gerando nas Obediências periféricas certo temor de perderem o reconhecimento caso entabulem relacionamentos (ainda que de mera comunicação, em campos de interesse comum, como intercâmbio cultural e defesa de valores comuns) com potências "irregulares", de que maneira seria possível estabelecer um diálogo entre estas organizações e também com o resto da sociedade civil?

É irreal a crença na possibilidade de eliminação completa do discurso de regularidade e reconhecimento, ou a crença na possibilidade de reconciliação institucional entre as concepções divergentes da maçonaria, o que não impede, entretanto, o diálogo sobre temas de interesse comum, mas que abre, de todo modo, um campo de possibilidades no estudo da análise do discurso.

## 5. O internacionalismo maçônico e as possibilidades de diálogo interorganizacional

Do fato de que a Maçonaria é um movimento transnacional e que cada Obediência maçônica é soberana na sua jurisdição (entendida aí como na gestão das Lojas e maçons a ela vinculados) e entabulam relações bi e multilaterais umas com as outras, como se dá a projeção internacional maçônica?

Tentativas de criação de consensos transnacionais não são exatamente novos. Em 1782, o Duque de Brunswick convocou dignitários maçônicos de toda a Europa para um congresso na cidade de Wilhelmsbad, que se encerrou sem qualquer consenso, senão o da negativa das origens templárias reivindicadas por um rito maçônico então bastante popular, o da "Estrita Observância" (PARTNER 1987).

Afirma BERGER (2010) que

A intensificação das relações bilaterais entre as Grandes Lojas após 1850 corresponde aos modos gerais das redes intraeuropeias e transnacionais da segunda metade do século. Entretanto, não é possível visualizar um processo contínuo de crescimento pelo continente. De resto, as relações bilaterais das Grandes Lojas não criaram uma rede comum na qual seus oficiais pudessem interagir regularmente. Ao invés, cada Grande Loja estabeleceu sua própria rede, que apenas pontualmente interseccionavam com as redes de outras Grandes Lojas.

Quase cem anos depois, em 1875, representantes de vários Supremos Conselhos do Rito Escocês Antigo e Aceito se reuniram em um congresso na cidade suíça de Lausanne para definir vários aspectos relativos às condições de regularidade e reconhecimento mútuo entre eles. Mas as relações internacionais dentro deste Rito se estagnaram depois por mais de trinta anos, até que novas Convenções internacionais fossem realizadas em Bruxelas (1097) e em Washington (1912), quando então se estabeleceu uma regularidade para os encontros (BERGER, 2010)

No mesmo período, o Grande Oriente Francês convocou diversos Congressos Internacionais em 1889, 1894, 1896, 1900 e 1902, tendo sido criado, neste ano (que ano?), um *Bureau International de Relations Maçonniques*, mas este movimento atraiu apenas Obediências já alinhadas ideologicamente à vertente radical (BERGER, opcit).

Movimentos coletivos de maçons europeus – principalmente franceses e alemães – agindo em paralelo às políticas oficiais de suas Obediências também tiveram lugar no início do século XX. Seu objetivo não era exatamente o de aperfeiçoar o diálogo institucional, mas o de aproveitar os laços de fraternidade para defender uma política pacifista (BERGER, opcit).

A Primeira Guerra Mundial fez naturalmente com que a organização de congressos maçônicos internacionais, mormente pacifistas, fosse inviabilizada. Não obstante, o Grande Oriente de França organizou, em 1917, um Congresso Maçônico das Nações Aliadas e Neutras, que emitiu uma proclamação com bases ideológicas (pacifismo, desarmamento, império da lei, respeito à soberania) muito similares às que depois seriam adotadas pela Liga das Nações. (BENIMELLI 2001).

Após a Primeira Guerra, novas tentativas de organizar internacionalmente as Obediências maçônicas se seguiram. Existem atualmente diversas organizações internacionais maçônicas, com variados graus de representatividade. Destas, destacamos

- CLIPSAS (*Centre de Liaison et d'Information des Puissances maçonniques Signataires de l'Appel de Strasbourg*), organizada pelo GOF em 1961 e que reúne 90 Obediências maçônicas heterodoxas de todo mundo;
- CMI (*Confederación Masónica Interamericana*), fundada em 1947 e que reúne 75 Obediências ortodoxas das Américas.
- No campo da filantropia, destaca-se a organização SHRINERS INTERNATIONAL, uma organização paramaçônica norte-

americana que evoluiu de um grupo de diversões e hoje é responsável por uma rede de hospitais infantis nos Estados Unidos, Canadá e México e que se encontra em processo de expansão, em vias de iniciar a construção de um hospital no Brasil.

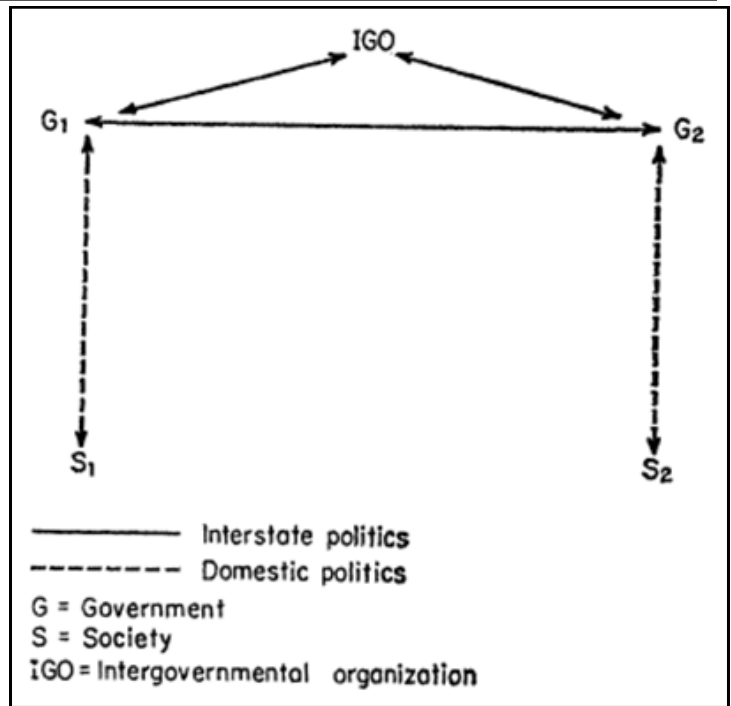
A Grande Loja Inglesa, até onde se sabe, permanece em um "isolamento esplêndido": apesar de reconhecer e ser reconhecida por centenas de Obediências ao redor do mundo não toma parte em nenhuma organização maçônica internacional apesar de alguma atuação filantrópica internacional.

Não se vislumbra nenhum impedimento para que Obediências que não se reconheçam possam, eventualmente, se engajar em troca de comunicações em assuntos de interesse mútuo. Mas, neste ponto, a atuação das organizações maçônicas internacionais, pode ser ainda mais decisivo.

### 6. Casos paradigmáticos

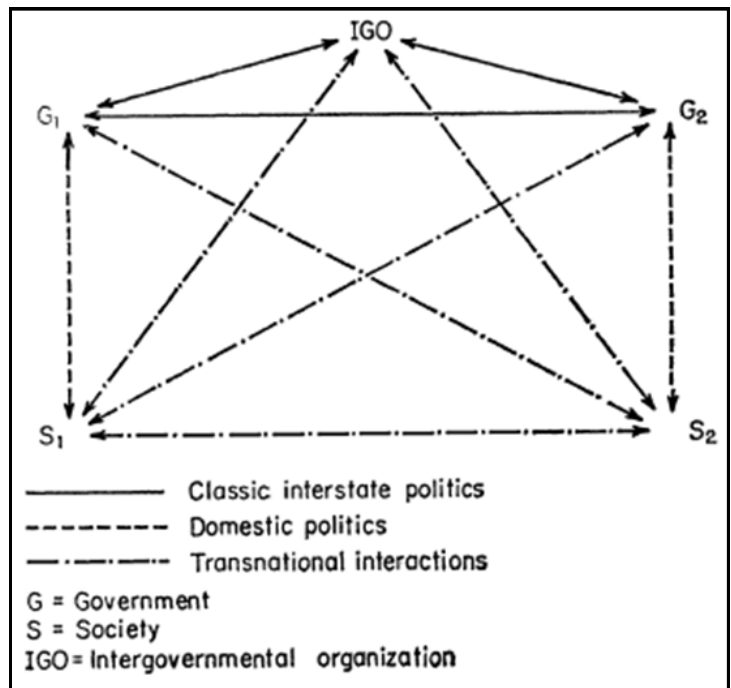
Pioneiros no estudo das relações transnacionais e sua influência na política mundial, KEOHANE e NYE(1971) definem as interações transnacionais como sendo "o movimento de itenstangíveis ou intangíveis através das fronteiras estatais em que ao menos um dos atores não é um ente governamental ou organização intergovernamental". As interações globais são, costumeiramente, de comunicação (o movimento de informações, incluindo a transmissão de crenças, ideias e doutrinas); transporte de objetos corpóreos; finanças, o movimento de dinheiro e crédito; viagens, o movimento de pessoas, podendo uma interação conter mais de um desses elementos simultaneamente.

Uma concepção estadocêntrica de relações internacionais, típica do paradigma realista, enxerga os governos como o ator por excelência, através de quem cada sociedade pode interagir com a outra. Nesta concepção, afirmam Keohane e Nye, a política entre os estados é distinta da política interna dos estados, e é por ela apenas indiretamente influenciada, como demonstra o diagrama abaixo:



Fonte: KEOHANE e NYE (1971)

Já a segunda concepção, na opinião de Keohane e Nye, leva em consideração a influência que indivíduos e organizações não governamentais podem desempenhar nas relações internacionais, tanto ao participar diretamente de coalizões e órgãos que podem controlar ou influenciar seus governos ou mesmo desempenhar papéis diretamente frente a governos e sociedades civis estrangeiros, às vezes mesmo passando por cima de seu próprio governo.



Fonte: Keohane e Nye (1971)

Organizações maçônicas estão presentes em quase todo o mundo. Poucos são os países que efetivamente proíbem atividades maçônicas: basicamente, nos dias de hoje, apenas países islâmicos (MILLAR 2015) e ditaduras socialistas, além do Vaticano.

Claro que o fato de haver em uma determinada sociedade uma organização maçônica não significa que ela possua um grau elevado de influência. Mas, como sua natureza é de espaço de sociabilidade, não é possível descartar que algum grau de influência exista, ao menos potencialmente, tanto sobre as sociedades como sobre os governos, de forma direta ou indireta.

Este grau de influência pode ser relacionado com o que WENDT distinguiu como sendo "três culturas de anarquia" no cenário internacional: Hobbesiana (o outro como inimigo), Lockeano (o outro como rival) e Kantiana (o outro como amigo) e o grau de internalização destas culturas nas sociedades, uma vez que as estruturas internacionais não são apenas compostas de elementos materiais, mas também ideacionais (WENDT 2014).

Van Der Pijl (1998) identifica na Maçonaria uma comunidade imaginada para a burguesia transnacional a partir do século XVIII que dispersou o imaginário lockeano para a burguesia ascendente ao redor do mundo, entendendo ainda que os canais de comunicação por ela abertos ainda fornecem espaço para a formação de classes transnacionais para além das redes de elites mais restritas criadas pelo capital internacional.

Alguns casos fornecem paradigmas de atuação que podem ilustrar bem as possibilidades de atuação maçônica no âmbito internacional.

O primeiro diz respeito às possibilidades de a Maçonaria participar da interlocução e do processo decisório no âmbito da Organização das Nações Unidas. Com efeito o Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC) admite ONGs como consultoras especiais, podendo nesta função submeter pronunciamentos escritos ou orais e, portanto, tentar influenciar diretamente os membros votantes do Conselho, nos termos do Art. 71 da Carta da ONU. Nesta condição foi a CLIPSAS admitida em 2011. O estatuto da ECOSOC formula seis exigências para que uma ONG seja considerada aceitável: que ela apoie os fins e o trabalho da ONU; que tenha representatividade; que não tenha o lucro por objeto; que não advogue ou empregue a violência; que não seja um partido político; que não tenha sido estabelecida por um acordo intergovernamental (WILLETS, 2014 p. 328).

A admissão da CLIPSAS neste órgão é, de fato, notável, por ser a única organização maçônica inter-

nacional a conseguir tal reconhecimento até a presente data e o fato de seus componentes seguirem uma linha ideológica maçônica essencialmente heterodoxa. Não foi possível obter, entretanto, qualquer informação no website da CLIPSAS a respeito das atividades desempenhadas.

Outro caso relevante tem a ver com a atuação da Maçonaria na África, onde se instalou na esteira do colonialismo europeu. Como demonstrou Harland-Jacobs (2007), a Maçonaria fez parte ativamente do projeto colonial, tanto ajudando colonos a se "sentirem em casa" quanto fornecendo às ascendentes elites nativas um espaço de sociabilidade com as elites coloniais.

Alguns casos são emblemáticos. Na Libéria, República na África Ocidental colonizada por negros emancipados da escravidão nos Estados Unidos uma Obediência Prince Hall ali se estabeleceu, e em torno dela gravitou a elite política do país por mais de cem anos, até que um golpe de Estado em 1980 levou ao fuzilamento do presidente William Tolbert Jr. (que também servia como Grão-Mestre da Maçonaria liberiana) e de treze membros do seu ministério, quase todos maçons, seguido de uma perseguição sistemática aos maçons pelo novo regime.

Outro caso interessante é o da República do Gabão, ex-colônia francesa, cujo presidente, Omar Bongo, era também Grão-Mestre, e, ao morrer em 2011, foi sucedido em ambos os postos pelo seu filho, Ali Bongo.

Alain Bauer, ex-Grão-Mestre do GOdF (2000-2003) e assessor em questões de terrorismo nas gestões do Presidente Nicolas Sarkozy (2007-2012) e do Primeiro-Ministro Manuel Valls (2014-2016), afirmou com franqueza (2004) que

Treze chefes de estado e de governo da África (...) são hoje franco-maçons. O GOF torna-se para eles um espaço natural de mediação como República Francesa e vice-versa. O problema consiste em que, dentre esses chefes de governo, uns são liberais, democratas, em variados graus, e outros, não. Todavia, eles respeitam o fato de que as Lojas sejam o local onde seus opositores, os militantes dos direitos humanos e sindicalistas possam se reunir sem receio, já que é o único lugar onde têm o direito de reunião. Trata-se de uma particularidade do GOF: a Loja garante uma espécie de santuário mais ou menos tolerado, com a condição de que não trame complôs contra o poder constituído. Nesta condição o GOF pode representar um lugar de encontro, de debate e, eventualmente, mesmo

de administração de uma crise. Por exemplo, após a queda do presidente Pascal Lissouba, do Congo, e a chegada do presidente Denis Sassou Nguesso, franceses detidos no conflito congolês foram libertados devido à intervenção do Grão-Mestre da GODF, na época Philippe Guglielmi, em conjunto com o [Palácio do] Eliseu, o Primeiro Ministro e o Ministro dos Negócios Estrangeiros. Foram igualmente os franco-maçons chamados a intervir para permitir a libertação de militantes dos direitos do homem em Comores. Além disso, o diálogo sobre a paz na Costa do Marfim, no pior momento da crise, necessitou da reunião de sete representantes das diversas facções no próprio seio da GOF, com a presença também do Grão-Mestre da GLF, Michel Barat. Essas intervenções tinham um caráter internacional, notadamente devido ao fato da escolha de certo número de autoridades africanas de solicitar esta conexão. Mas elas se desenvolveram em claro, com comunicado da imprensa ou intervenção da Rádio France Internacional (RFI) ou TV5.

Diante desta situação é interessante que a crise que se agrava diariamente na República Bolivariana da Venezuela, com o risco iminente de uma crise humanitária, não tenha ainda (até onde se sabe) mobilizado as Maçonarias dos países vizinhos a tentarem não apenas atos de mediação entre as facções políticas, mas também de acolhimento de refugiados que começam, aos poucos, a chegar, isso a despeito de a Maçonaria Venezuelana estar representada na CMI.

## 7. Conclusão

Ao longo de 300 anos a Maçonaria se espalhou por uma parte considerável do planeta, servindo de espaço de sociabilidade capaz de permitir a interação de pessoas de estratos sociais absolutamente variados.

Por possuir uma natureza cosmopolita e tender à neutralidade política e religiosa, a Maçonaria pode exercer uma vocação de mediadora em questões sociais e políticas, permitindo a abertura de diálogo entre contendores e construindo pontes entre facções, podendo atuar ainda, diretamente, na construção discursiva dos Direitos Humanos e no auxílio filantrópico, não podendo ser descartada a atuação como elemento de *soft power* nas relações internacionais.

Esta possibilidade é contemplada pelas teorias pluralistas de relações internacionais, que levam em

conta o papel da sociedade civil organizada não apenas como construtora dos valores e interesses nacionais, mas como entidade ativa nas relações transnacionais.

Por paradoxal que seja, tal possibilidade pode ser atingida com maior grau de força na medida em que as facções e contendores no próprio mundo maçônico puderem dialogar entre si. A rivalidade, considerada dentro de uma cultura lockeana (no sentido trabalhado por Wendt), não dispensa a possibilidade de cooperação entre os agentes, muito ao contrário.

Apesar de o fim das questões de regularidade e reconhecimento ser uma pretensão irrealizável, se vislumbra a abertura de possibilidades de diálogo em temas comuns às Maçonarias, como a defesa do pluralismo político e os direitos humanos. Apesar de ser possível, teoricamente, que Obediências que não se reconheçam mutuamente possam entabular intercâmbios de ordem cultural, pensamos que esse processo poderia ser facilitado se liderado pelos organismos maçônicos internacionais.

## 8. Referências

- BAUER, Alain. "Relations internationales et franc-maçonnerie." *Revue Internationale et Stratégique* n.54, 2004: 21-32.
- BENIMELLI, José Ferrer. *La Masonería*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.
- . *Os arquivos secretos do Vaticano e a Franco-Maçonaria*. História de uma condenação pontifícia. São Paulo: Madras, 2007.
- BERGER, Joachim. "'Une œuvre internationale d'un caractère humanitaire": The appeal to humanity in International Masonic Relations." Em: *Humanity: a history of european concepts in practice, from the sixteenth century to the present*, por Fabian KLOSE e Mirjan THULIN, 231-248. Mainz: Vandenhoeck & Ruprecht, 2016.
- BERGER, Joachim. "Between Universal Values and National Ties: Eastern European Freemasonries face the challenge of "Europe" 1850-1930." *Journal for Research into Freemasonry and Fraternalism* v. 1 n.2, 2010: 205-226.
- . "European Freemasonries, 1850-1935: Networks and transnational movements." *European History Online* (EGO), published by the Institute of European History (IEG), 03 de 12 de 2010.
- BERGER, Joachim. "Local - national - transnational heroes? Hero-worship in Western European Freemasonries (1870-1914)." Em: *Hinter den Kulissen: Beiträge*

- zur *historischen Mythenforschung*, por Claus OBERHAUSER e Wolfgang KNAPP, 115-128. Innsbruck: Innsbruck University Press, 2012.
- BERGER, Joachim. "Regimes of territoriality: Overseas conflicts and inner-european relations (c. 1870-1930)." *Journal for Research into Freemasonry and Fraternalism* v. 5 n. 1, 2014: 101-115.
- BERMAN, Ric. *Espionage, Diplomacy & the Lodge: Charles Delafaye and The Secret Department of the Post Office*. Londres: The Old Stables Press, 2017.
- . Schism: *The Battle That Forged Freemasonry*. Eastbourne: Sussex Academic Press, 2013.
- BULLOCK, Steven C. *Revolutionary Brotherhood: Freemasonry and the Transformation of the American Social Order, 1730-1840*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998.
- CALDERWOOD, Paul. *Freemasonry and the Press in the Twentieth Century*. A National Newspaper study of England and Wales. Nova Iorque: Routledge, 2016.
- COOPER, John L. "Into the Maelstrom: The Issue of Masonic Regularity, Past and Present." *Proceedings of the Policy Studies Organization*, nº 31, 2015: 2-15.
- DERMOTT, Laurence; ISMAIL, Kenny. *Ahiman Rezor: A Constituição dos Maçons Antigos*. Londrina: A Trolha, 2016.
- GUEIROS, David. *O protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil* 2. ed. Brasília: Editora UnB, 1980.
- HACKETT, David G. *That Religion in Which All Men Agree: freemasonry in American culture*. Berkeley: University of California Press, 2014.
- HALLERAN, Michael Anthony. *The Better Angels of Our Nature: Freemasonry in the American Civil War*. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 2010.
- HARLAND-JACOBS, Jessica. *Builders of Empire: Freemasons and British Imperialism, 1717-1927*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. *Princípios de Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HIMMELFARB, Gertrude. *The roads to modernity: The british, french and american enlightenments*. Nova Iorque: Vintage Books, 2004.
- ISMAIL, Kenny. *Debatendo Tabus Maçônicos*. Londrina: A Trolha, 2016.
- . *História da Maçonaria Brasileira para adultos*. Londrina: A Trolha, 2017.
- . *O Líder Maçom*. Londrina: A Trolha, 2015.
- JACOB, Margaret. "Civil Society in an Uncivil Age: An Agenda for Freemasonry, Past and Present." *Proceedings of the Policy Studies Organization*, nº 30, 2015: 8-14.
- . *Living the enlightenment: freemasonry and politics in eighteenth-century Europe*. New York: Oxford University Press, 1991.
- . *The Radical Enlightenment - Pantheists, Freemasons and Republicans*. Nova Orleans: Cornerstone Book Publishers, 2006.
- KEOHANE, Robert O., e Joseph S, JR NYE. "Transnational relations and world politics: an introduction." *International Organization* v. 25 n. 3, 1971: 329-349.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogene do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
- MAGEE, Glenn Alexander. *Hegel and the Hermetic Tradition*. Ithaca: Cornell University Press, 2001.
- MENDIS, Patrick. *Trade for peace: How the DNA of America, Freemasonry, and Providence Created a New World Order with Nobody in Charge*. Bloomington: iUniverse, 2009.
- MILLAR, Angel. *The Crescent and the Compass: Islam, Freemasonry, Esotericism and Revolution in the Modern Age*. Colac: Numen Books, 2015.
- NYE, Joseph S. *Soft Power: The means to success in world politics*. Nova Iorque: Perseus, 2004.
- PARTNER, Peter. *The Murdered Magicians: The Templars and their Myth*. Nova Iorque: Barnes & Noble, 1987.
- VAN DER PIJL, Kees. *Transnational classes and International Relations*. New York: Routledge, 1998.
- VAN WIN, Jean. *Le sang des francs-maçons. De Valmy à Waterloo*. Bruxelas: Racine, 2014.
- WEBB, Thomas Smith, e Edgard da Costa FREITAS NETO. *O Monitor dos Franco Maçons*. Salvador: Spoudaios, 2017.
- WENDT, Alexander. *Teoria social da política internacional*. Rio de Janeiro: PUC Rio - Apicuri, 2014.
- WILLETS, Peter. "Transnational Actors and International Organisations in Global Politics." Em *The globalization of world politics: an introduction to international relations* 6ed., por John BAYLIS, Steven M. SMITH e Patricia OWENS, 320-336. Oxford: Oxford University Press, 2014.